



## A CULTURA MATERIAL NA CIDADE DE NOVA PETRÓPOLIS: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NOS MUSEUS<sup>1</sup>

Carlos Augusto Trojaner de Sá<sup>2</sup>

### Resumo

A educação patrimonial é um termo amplamente discutido no meio acadêmico nos dias atuais. Neste artigo, partindo de conceitos, como o de museu, de cultura material e de educação patrimonial, busco analisar como os museus de Nova Petrópolis envolvem a sociedade com a temática da imigração alemã, fazendo uma relação muito significativa entre a cultura material e a educação patrimonial. O resultado disso é uma construção do conhecimento através dos museus.

**Palavras chaves:** Educação patrimonial. Cultura Material. Museus.

O presente artigo tem como objetivos principais analisar a educação patrimonial e o uso da cultura material dos museus localizados na cidade de Nova Petrópolis. Sendo assim, me proponho a mostrar como os museus dessa cidade de colônia alemã utilizam a educação patrimonial para reconstruir a vida dos primeiros colonizadores alemães e como mostram para a sociedade os hábitos e costumes através da cultura material de seus acervos. Outro objetivo desse artigo é analisar o potencial desses acervos para a compreensão da sociedade colonial alemã no rio Grande do Sul.

Para esta análise, estou relacionando como estão sendo abordados e vinculados os objetos dos primeiros pioneiros alemães (cultura material) com a educação patrimonial realizada nos museus dessa cidade. Para compreender meu trabalho é de fundamental importância ter em mente que apenas analisei os museus, deixando de fora os centros históricos e coleções pessoais.

Minha fundamentação teórica para a realização deste trabalho está sendo norteada por três conceitos fundamentais. O primeiro desses conceitos é o de educação patrimonial, o segundo é o de cultura material e o terceiro é o de museu.

HORTA (1999, p.6) conceitua a educação patrimonial como “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional, centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo.” Isto segundo a autora significa

---

<sup>1</sup> Artigo desenvolvido na cadeira de Seminário de História do Rio Grande do Sul, 2009/1.

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS. Email: carlosaugusto@t-online.de.

tomar os objetos e expressões do Patrimônio Cultural como ponto de partida para a atividade pedagógica, observando-os, questionando-os e explorando todos os seus aspectos, que podem ser traduzidos em conceitos e conhecimentos.

O segundo conceito a ser abordado em minha pesquisa é o de cultura material. Minha concepção de cultura material abrange todo o conjunto de objetos, tecidos, utensílios, ferramentas, adornos, meios de transporte, moradias, armas, etc; que formam o ambiente concreto de determinada sociedade do passado. Para uma melhor compreensão desse conceito, recomendo as obras de FREITAS (1999) e FUNARI (2007).

O terceiro e último conceito de meu trabalho é sobre a minha concepção de museu, a partir de minhas leituras se tornou algo bastante complexo e aberto a diversas abordagens, porém para a realização desse trabalho é de fundamental importância definir o que é museu. Os museus, são organismos de Centro de Ciências e Técnicas, se apresentam como espaços de reflexão, de experimentação e aquisição de conhecimentos para a sociedade. Além dessa concepção, segundo o Conselho Internacional de Museus, o Museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa e exhibe para finalidades do estudo, da educação e da apreciação, evidência material dos povos e seu ambiente. Santos (2000, p. 12) conceitua Museu da seguinte forma:

O museu é considerado um espaço privilegiado, onde é possível concretizar as propostas de intercâmbio com as diversas áreas e, ao mesmo tempo, produzir conhecimento a partir dos temas e problemas que são potencializados no desenvolvimento das ações de pesquisa, preservação e comunicação, aplicadas em interação com as comunidades locais, reconhecendo no patrimônio cultural um instrumento de educação e desenvolvimento social.

A realização de um Museu não apresenta apenas o consenso social que se faz em torno de um ideal de conservação, mas também envolve várias práticas de trocas culturais. A elaboração e a preparação do Museu, cuja concepção foi decidida por uma comunidade em geral, supõem a reunião de objetos e de documentos que gera um tipo de comunicação para a sociedade. Realizar uma atividade no Museu é propor reviver algo, é uma ação coletiva de restituição das trocas "perdidas" no momento presente. Em nosso mundo moderno, os museus são organismos que colecionam, salvam e preservam artefatos que foram lançados aos "estragos" da modernização em nossa sociedade. No entanto, o passado se constrói à luz do discurso do presente. Na obra de Huyssen (1997), fica claro que no mundo moderno nada escapa à lógica da musealização. Neste sentido, os museus parecem funcionar como uma espécie de "ponte" que permitem uma negociação e articulação entre o passado e o presente.

Partindo da análise dos princípios ideológicos elaborados pela Museologia, se torna claro que as ações dos museus não se limitam apenas a conservação da cultura material, ou então, à questão da exibição desses bens materiais ao público, mas, sim, aos sujeitos sociais. São os modos de agir, pensar, fazer e falar, além dos objetos e edifícios, que se tornam objetos de uma investigação museológica. Desta forma, o museu se torna uma dinâmica social entre os grupos que trabalham sobre suas identidades, filiação e legitimidade, utilizando a memória e o passado como "motores" de tal reflexão. A museologia traz o discurso de que o mais importante a ser preservado é a informação, ou seja, o elemento não tangível, que dá sentido à preservação.

A justificativa para a realização de minha pesquisa se baseou primeiramente no relatório realizado por TEIXEIRA (2002), aonde se concluiu que na maioria dos centros urbanos das cidades de colonização alemã do estado do Rio Grande do Sul nota-se a grande quantidade de prédios e casas do século XIX de origem alemã. Exemplo disso são as residências existentes junto à igreja matriz, na Avenida Lindolfo Collor em São Leopoldo, como também as várias casas existentes do período do início da colonização na cidade de Nova Petrópolis e nas cidades ao seu redor. Além dos vários museus municipais que expõem objetos dos primeiros imigrantes, isso possibilita uma maior compreensão de como era no início da colonização.

Para uma contextualização geral do processo de imigração alemã no Rio Grande do Sul, não podemos deixar de ler a obra de Jean Roche, "A colonização alemã e o Rio Grande do Sul".

A história da colonização alemã no Rio Grande do Sul é um tema bastante abordado nos dias de hoje, mas isso não exclui a possibilidade de novas abordagens com temas ligados aos alemães no estado. Ao total, entraram no Rio Grande do Sul cerca de 48 mil alemães do ano de 1824 até 1914 (ROCHE, 1969, p.146).

Durante este tempo, foram criadas 142 colônias, distribuídas principalmente nas regiões próximas ao rio Sinos. Com a saturação das terras da região do Vale dos Sinos, dadas aos primeiros imigrantes, os próximos colonos passaram a receber terras mais distantes, próximas a outros rios como Vale do Caí, Vale do rio Taquari e Vale do Jacuí.

Todas essas regiões receberam grande influência germânica na construção da sua cultura. No Vale dos Sinos, as colônias de Campo Bom, em 1825, Dois Irmãos em 1824, Ivoti em 1828, Nova Hartz em 1854, Sapucaia do Sul, Colônia de Nova Palmeira, Sapiranga, Estância Velha, Hamburger Berg em 1824 (hoje, atual Novo Hamburgo), e a Fazenda Mundo Novo (Igrejinha), em 1847. Nem todos os imigrantes alemães se dedicaram a agricultura, tendo alguns se dedicado a marcenaria, carpintaria, e outros a sapataria e

curtição de couro. No vale do Caí, as cidades de origem portuguesa de Monte Negro e São Sebastião do Caí, também receberam imigrantes alemães. Os imigrantes também se instalaram nas cidades de Pareci, Harmonia, Pareci Novo, Bom Princípio, Feliz, em 1846, Alto Feliz, em 1850 e Nova Petrópolis, em 1858. Para estudos mais aprofundados, recomendo as obras de SCHRÖDER (2003), ROCKENBACH (2004) e RAMBO (1999).

Minha escolha pela cidade de Nova Petrópolis está relacionada à grande presença alemã que ainda existe nos dias atuais. A origem particular dos imigrantes e a distância de centros mais desenvolvidos contribuíram para que a população conservasse suas tradições até os dias de hoje em festas como o Kerb, Bailes do Tiro Rei e Bolão e o Festival do Folclore.

A colonização de Nova Petrópolis iniciou em 7 de setembro de 1858 principalmente por imigrantes alemães provindos do “*Hunsrück*” no Reno (pomeranos, saxões, westfalianos, prussianos e bávaros) e do Império Austro Húngaro (boêmios), sendo que cada família recebeu aproximadamente 50 hectares dos 35 mil hectares demarcados para serem distribuídos ao longo de “Linhas” ou “Picadas”. Já na própria fundação, a cidade apresentava uma planta do traçado das ruas, praça e prédios futuros. Fato nada comum para época, onde as cidades se formavam de agrupamentos de casas. Além da colonização alemã, o município recebeu imigrantes italianos da região do Vêneto, holandeses, franceses e belgas. Estes imigrantes na maioria eram artesãos, mas vieram para viver do trabalho da terra, gerando uma situação estranha, pois a comunidade agrícola tinha raízes urbanas.

A origem comum e as dificuldades favoreceram o surgimento de inúmeras sociedades, sendo principalmente de canto, dança e tiro. A falta de escolas obrigou os imigrantes a criarem sua própria estrutura educacional, onde o ensino era ministrado por pessoas escolhidas pelos colonos e em língua alemã. Destes movimentos comunitários surgiram escolas como a Escola Cenecista Frederico Michaelson e a Escola Cenecista Bom Pastor, ambas ainda em funcionamento.

Além dessa influência germânica, podemos encontrar a influência dos tropeiros que atravessavam a colônia com seu gado com destino aos Campos de Cima da Serra. É essa particularidade histórica que torna Nova Petrópolis um lugar com grande fator de preservação da cultura alemã.

Em minha análise da cultura material encontrada na cidade começa no Parque Aldeia do Imigrante, espalhado por uma área de dez hectares de mata nativa. O parque temático reconstitui uma típica aldeia alemã do século XIX. Em meio a lagos e árvores centenárias em diversas casinhas em estilo enxaimel vendem cucas, malhas e artesanato típico

alemão<sup>3</sup>. No espaço conhecido como Jardim das Cervejas há apresentações de grupos de danças folclóricas e de bandinhas da região.

Outras características são a robustez e a grande inclinação dos telhados. Na adaptação do enxaimel às características climáticas da região sul, foi necessária a implantação, por conta da elevada umidade local, de uma estrutura feita de pedra que sustenta as construções evitando que a madeira se molhe.

Na aldeia histórica do Parque Aldeia do Imigrante fica localizado o Museu Histórico Municipal que tem como objetivo principal possibilitar a manutenção de peças e documentos, retratando a história da imigração alemã do município para as futuras gerações.

O Museu está instalado e construído em técnica enxaimel, que antigamente servia como casa do médico e do hospital, foi tirada da esquina da Praça da República. Foi reconstruída na Aldeia do Imigrante em 1990 e em 25 de julho de 2002 foi inaugurado, com suas peças todas doadas pela comunidade de Nova Petrópolis.

O Museu Municipal está dividido em alguns setores: a trajetória política de Nova Petrópolis, História do Tiro-Rei e a trajetória da imigração alemã através de peças antigas (cultura material).

A forma com que a aldeia histórica foi construída, contendo um museu ao ar livre com dez casas antigas no estilo enxaimel, sendo uma dessas construções uma igreja, construídas nos primeiros tempos da imigração alemã na serra, possibilita uma grande interação com seus visitantes, pois transporta o visitante para o século XIX. O patrimônio cultural foi muito bem utilizado e com certeza cumpre com seus objetivos da educação patrimonial.

Ainda no Parque Aldeia do Imigrante, na Aldeia Histórica, encontra-se o Museu Sicredi ou Caixa Rural, com fotos, móveis e maquinários utilizados nos primórdios da cooperativa. A casa reconstruída no Parque Aldeia do Imigrante foi o primeiro prédio da "*Sparkasse*", também conhecida como Caixa Rural e funcionou por 30 anos. O prédio e as instalações foram trazidos da Linha Imperial para fazer parte do acervo na Aldeia Histórica e retratar um pouco da história da primeira cooperativa. O início da cooperativa aconteceu em 1902 e foi pelas mãos de um homem determinado a construir uma proposta que colaborasse com o próprio homem, trabalhador da terra, produtor, o homem que construiria o futuro de Nova Petrópolis.

---

<sup>3</sup> *Fachwerk* (originário de "Fach" assim denominavam o espaço preenchido com material entrelaçado de uma parede feita de caibros) é uma técnica de construção que consiste em paredes montadas com hastes de madeira encaixadas entre si em posições horizontais, verticais ou inclinadas, cujos espaços são preenchidos geralmente por pedras ou tijolos. Os tirantes de madeira dão estilo e beleza às construções do gênero, produzindo um caráter estético privilegiado.

Preocupado em melhorar as condições de vida dos colonos da região, o Padre Amstad, na localidade de Linha Imperial, em uma costumeira reunião na sociedade de agricultores "*Bauernverein*", em 19 de outubro de 1902, constituiu a primeira Cooperativa de Crédito da América Latina, conhecida na época como a Caixa de Economia e Empréstimos Amstad.

O Museu Pastor Paulo Evers, criado em homenagem ao Pastor Paulo Evers, foi inaugurado em 16 de setembro de 2006. O museu foi criado numa casa enxaimel, doada pela família Giuseppe Repetto e Joice Maria Maluf Repetto localizando-se na Linha Brasil. Posteriormente, a casa foi reconstruída no pátio da Escola Bom Pastor em parceria com o CPM da Escola e Prefeitura Municipal. O Museu é composto por objetos, documentos, fotos, livros que contam, retratam e resgatam um pouco da história de líderes comunitários como o Pastor Paulo Evers, Professor Alfons Krick e o Vereador Erio Seefeld.

Outro museu de Nova Petrópolis é o Museu de Família Alberto Hillebrand, situa-se na RS 235, Km 12 na Linha Imperial e pertence ao casal Ovídio e Adélia Hillebrand.

A história do Museu é muito interessante, pois por hábito e por necessidade, a família Hillebrand, por várias gerações, guardou utensílios, livros, documentos, etc, o que proporcionou o acesso a um rico acervo que caracteriza e prova sua maneira de viver e pensar dos antepassados. Considerando tal riqueza e respeitando a consideração dada por eles a estes detalhes, os descendentes, resolvem restaurar e ocupar um prédio que também representa um pouco da história para especificamente manter este material de forma organizada.

O último museu visitado foi o Museu Comunitário do Pinhal Alto, foi inaugurado no dia 22 de março de 2009. É uma obra muito importante para a comunidade e foi concretizada graças à colaboração de diversas famílias da localidade e tem como objetivo preservar a história, a cultura e conscientizar as gerações atuais da importância em conhecer a trajetória dos primeiros imigrantes na localidade de Pinhal Alto.

A casa onde se encontra o Museu era de propriedade da família Wickeli e atualmente cedida à Associação de Moradores de Pinhal Alto. O Museu é um sonho antigo da comunidade e com o apoio e incentivo do Presidente da Associação, Sr. Cláudio José Weber, se tornou uma realidade. O museu comunitário segundo THIMOTHY (2004, p. 53) é um processo, mais que um produto. Combina e integram processos complexos de constituição do sujeito coletivo da comunidade, através da reflexão, autoconhecimento e criatividade, processos de fortalecimento da identidade, através da legitimação das histórias e valores próprios; processos de melhoramento da qualidade de vida, ao desenvolver múltiplos projetos no futuro, e processos de construção de forças através da criação de

redes com comunidades afins. Outra visão sobre o museu comunitário é a de MARTINS (1998, p. 5):

O museu comunitário é o resultado da criatividade comunitária, já que sua criação e desenvolvimento têm como fundamento a participação ativa da comunidade, que se encarrega de investigar, resgatar, preservar e difundir seu patrimônio histórico e cultural. Essas atividades contribuem para firmar a identidade cultural, valorizando os elementos específicos da visão do mundo de cada grupo, recuperando o passado a fim de forjar um presente mais claro e melhor.

Assim o Museu de Pinhal Alto é um processo coletivo que ganha vida no interior da comunidade e por isso podemos afirmar que é um museu da comunidade, não é elaborado para fora da comunidade. O museu comunitário é uma ferramenta para avançar na autodeterminação, fortalecendo as comunidades como sujeitos coletivos que criam, recriam e decidem sobre sua realidade.

Como considerações finais, os acervo de documentos contidos nos museus é mais diversificado possível, jornais, livros e revistas de varias épocas, mas devo salientar que em muitos casos de acordo com a maneira utilizada para armazená-los não vão seguir existindo por muito tempo.

Para concluir esse artigo, posso defender que a educação patrimonial na cidade de Nova Petrópolis está vinculando a cultura material, a história e a sociedade de uma maneira bastante satisfatória. Em seus museus não foram encontradas os velhos equívocos que, em minha opinião, a grande maioria dos museus possui. Em minhas visitas pude perceber uma forte relação do que esta sendo exposto com o meio social. Isso cria um ambiente de aprendizagem e identificação com os visitantes. O museu não se torna para o visitante apenas a exposição de coisas velhas e sim passa a ter um papel na sua própria história de vida. Também não posso deixar de agradecer ao apoio que recebi da secretaria de educação da cidade de Nova Petrópolis.

Infelizmente em alguns museus que abordam a imigração alemã existe somente uma reconstrução do ambiente com os artefatos, sem fazer relação nenhuma com o visitante, que em muitos casos não pertence à cultura alemã. Isto se deve em grande parte a ausência de funcionários especializados que não são capazes de fazer a ligação da linguagem do museu com a comunidade, fazendo assim as pessoas terem a idéia errada que o museu somente é um lugar aonde são depositadas coisas velhas. Espero com este artigo ter mostrado o contrário disso, pelo menos nos Museus de Nova Petrópolis.

## Referências

BÜHLER, Pedro Ernesto. A casa do imigrante alemão no sul do Brasil: "o sonho e a técnica" [dissertação de mestrado]. Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio

Grande do Sul, 2005.

- FREITAS, L. S. ; Funari, P. P. A. . Cultura Material, prática arqueológica e gênero: um estudo de caso. In: Pedro Paulo Abreu Funari. (Org.). Cultura Material e arqueologia histórica. Campinas: IFCH-UNICAMP, 1999, v. , p. 275-317.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Arqueologia e patrimônio. Erechim: Habilis, 2007.
- HORTA, Maria de Lourdes P. ; GRUNBERG, Evelina, MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999
- HUYSEN, Andrea. Memórias do Modernismo. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MARTINS. Museologia Popular. 1998.
- RAMBO, Arthur Blasio Trad. Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul: 1824-1924. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.
- ROCHE, Jean. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 v.
- ROCKENBACH, Sílvio Aloysio ; FLORES, Hida Agnes Hübner. Imigração alemã 180 anos História e Cultura. Porto Alegre: Corag, 2004.
- SANTOS, Fausto Henrique dos. Metodologia aplicada em museus. São Paulo: Univ. Mackenzie, 2000
- SCHRÖDER, Ferdinand. A imigração alemã para o sul do Brasil até 1859. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- TEIXEIRA, Mario Buede (Coord.). Plano Ambiental de São Leopoldo. Porto Alegre: PUCRS, MCT, 2002. 4 v.
- THIMOTHY, Mason. Gestão Museológica: desafios e práticas. São Paulo: EDUSP, 2004.